

Disparidade comunicativa: a comunicação entre professores e alunos da comunicação social

Communicative disparity: communication among professors and students of social communication

Rodrigo Teixeira Vaz¹

RESUMO: Este artigo analisa a relação entre professores e alunos, focando principalmente no ambiente do curso de Comunicação Social, com o objetivo de demonstrar que boa parte dos atritos existentes nesta relação são oriundos da coexistência entre paradigmas distintos, provenientes principalmente das possibilidades comunicativas intermediadas pelas novas tecnologias. A formação de boa parte dos professores no chamado antigo paradigma e a sua coexistência com o novo paradigma dos estudantes geram uma série de conflitos que podem ser amenizados com a adequação de suas aulas às novas tecnologias.

ABSTRACT: This article analyses the relationship between professors and students, focusing mainly the courses of Social Communication, aiming to demonstrate that the majority of disturbances of their mutual relationship derives from the coexistence of distinct paradigms, resulting mainly from the possibilities of communication offered by new technologies. Most teachers were educated in the absence of these technologies and their coexistence with the new paradigm generates conflicts which could be minimized by adapting their classes to the new technologies.

PALAVRAS-CHAVE: Professores. Paradigmas. Tecnologias na educação.

KEYWORDS: Professors. Paradigms. Technology in education.

I. INTRODUÇÃO

É inquestionável o papel do professor para o melhoramento da sociedade, e muito já se discutiu sobre a necessidade de investir em educação e melhorar a formação do professor. Porém, o debate proposto neste artigo se limita a uma análise da relação professor/aluno. O primeiro está intimamente inserido em um ambiente

¹ Professor Substituto na UFV, professor de Publicidade na Faculdade de Viçosa, de Marketing na Univiçosa e Diretor da Agência de Publicidade e Propaganda Interminas. E-mail: rodrigo@interminas.net

teórico, tendo uma forma de comunicação limitada tecnologicamente, e o segundo, por sua vez, se encontra mergulhado em um sistema comunicativo tecnológico que, muitas vezes, transcende o paradigma e a capacidade técnica do seu mestre. Esta questão se torna ainda mais perceptiva se a área de estudo destes sujeitos for a comunicação social, na qual os alunos por natureza buscam se aprofundar nas novidades tecnológicas, e os professores, em sua maioria, ainda preservam o estilo de seus docentes ou têm pouco conhecimento na área tecnológica.

Quando nos referimos ao estereótipo de uma pessoa que atua na área da comunicação, pensamos em um sujeito que se comunica com facilidade, é articulado, tem o domínio da linguagem e de ferramentas tecnológicas que lhe possibilitam disseminar sua comunicação sob as mais variadas formas, procurando a mais eficaz para atingir seu público, no qual ele pretende promover certa reação. Por sua vez, quando nos referimos ao estereótipo do professor de comunicação social, não necessariamente nos vem à mente o mesmo tipo de pessoa. Na maioria das vezes, esta imagem se limita ao professor tradicional, existente nas demais áreas. E estes professores geralmente estão ligados exclusivamente a estudos teóricos. Dentro deste contexto, pode-se promover uma análise de como foi a relação entre estes dois sujeitos, alunos e professores, que, invariavelmente, tiveram que conviver durante os anos na graduação ou em cursos de pós-graduação, e de como podemos promover uma relação entre os jovens e sua cultura cibernética e os professores tradicionais.

2. O PROFESSOR E O SURGIMENTO DE UM NOVO PARADIGMA NO AMBIENTE ACADÊMICO

2.1. Definição do Professor

O dicionário Aurélio define: “Professor é aquele que professa ou ensina uma ciência, uma arte, uma técnica, uma disciplina”. Socialmente, o professor exerce uma profissão de profundo destaque. Seu rendimento profissional influencia diretamente a formação dos novos profissionais que entrarão no mercado e influenciarão, por sua vez, toda uma sociedade. Lógico que este raciocínio não é tão simples assim, ele envolve uma série de questões morais, éticas e profissionais, que não cabem ser analisadas neste trabalho. Porém, uma coisa é certa: historicamente, o professor é conhecido como uma figura social imprescindível para o desenvolvimento do cidadão e da sociedade.

Segundo Tardif:

..., um professor de profissão não é somente alguém que aplica conhecimentos produzidos por outros, não é somente um agente determinado por mecanismos sociais: é um ator no sentido forte do termo, isto é, um sujeito que assume sua prática a partir dos significados que ele mesmo lhe dá, um sujeito que possui conhecimentos e um saber-fazer provenientes de sua própria atividade e a partir dos quais ele a estrutura e a orienta. (TARDIF, 2002, p. 05).

2.2. Entre o velho e o novo paradigma

No ambiente da escola tradicional, o professor se limitava a exercer o poder de vigiar, punir e avaliar os alunos. O professor era o leitor para os alunos que agiam de forma passiva em um ambiente caracterizado principalmente pelo comportamento de escuta da turma frente à figura do mestre, que passa sua experiência para os alunos, que estudam por obrigação para passar nas avaliações. A estrutura curricular era fixa e determinada previamente, e a tecnologia era utilizada exclusivamente pelo professor apenas como um suporte em determinadas aulas. Os equipamentos mais utilizados eram os slides e os retroprojetores de transparências, que tinham o papel de ilustrar a aula, tornando-a lúdica.

Paulo Freire diz que o professor não pode desconsiderar os saberes e experiências feitas pelo aluno, pois sua explicação do mundo de que faz parte traduz a compreensão da sua própria presença no mundo. Por isso, o professor precisa estar lendo cada vez melhor as leituras do mundo para saber intermediar o elo entre o velho e o novo.

O desenvolvimento das novas tecnologias voltadas para a eletrônica e sua inserção social causaram uma mudança conceitual na forma como o sujeito se relaciona com o meio em todos os seus aspectos. O computador modulou um novo paradigma social que norteia os vários níveis de relação, uns menos e outros mais. Este grau varia principalmente em relação à idade do sujeito.

As pessoas que nasceram em um ambiente informático naturalmente vão ter mais facilidade para se adequar a este ambiente e adequar o seu meio de vida às mudanças provocadas por estes instrumentos. Isto acontece de forma tão natural que se um jovem, com estas características, for levado para um ambiente em que não haja este ambiente tecnológico, ele vai se sentir totalmente deslocado de seu paradigma, podendo até entrar em depressão, ficar violento. Embora este aspecto não tenha ligação direta com este artigo, muitas vezes estas reações são interpretadas erroneamente pelos pais como uma forma de mau comportamento, de infantilidade. O Quadro I (*página seguinte*) faz um paralelo entre o velho e o novo paradigma no ambiente acadêmico.

Analisando o Quadro I, proposto por Andrea Cecilia Ramal, podemos observar que o novo paradigma é norteado por um envolvimento emocional utilizado como estimulador e facilitador das relações. Parafraseando Paulo Freire, poderíamos dizer: “Ninguém educa ninguém, ninguém é educado por ninguém; os homens se educam juntos, em comunhão”. E a tecnologia é um dos caminhos facilitadores deste processo.

3. TECNOLOGIA: COMO É A RELAÇÃO ENTRE ALUNOS E PROFESSORES NA COMUNICAÇÃO SOCIAL

3.1. A tecnologia e os professores da Comunicação Social

Os estudos nas áreas da comunicação social são relativamente recentes, datando da década de 40 os primeiros estudos conduzidos nesta área. Os primeiros

estudiosos desta área estavam ligados principalmente a fatores técnicos, como os engenheiros Shannon e Weaver, ou a fatores sociofilosóficos, como Saussure e Peirce, fundadores da semiótica.

Quadro I – Análise entre o velho e o novo paradigma no ambiente acadêmico.

No velho paradigma	No novo paradigma
<p>O professor é leitor, lente (do latim <i>lecio</i>, <i>lecionar</i>). Houve uma época em que o professor apenas lia a matéria do dia, talvez até discorresse sobre um ou outro ponto, e marcava as avaliações sobre o assunto. Mesmo tendo evoluído em relação a tal prática, ainda vemos em nossa década aulas muito expositivas, em que o conteúdo é quase “lido” para os alunos.</p>	<p>O professor é orientador do estudo. Um novo perfil de professor é delineado: ele é aquele que orienta o processo da aprendizagem e, ao invés de pesquisar pelo aluno, ele o estimula a querer saber mais, desperta sua curiosidade sobre as questões das diversas disciplinas e encontra formas de motivá-lo e de tornar o estudo uma tarefa cada vez mais interessante.</p>
<p>O aluno é um receptor passivo que ouve as explicações do professor - aquele que sabe muito mais do que ele - e vai tateando em busca daquilo que acredita que o professor deve desejar que ele aprenda, diga, pense ou escreva.</p>	<p>O aluno é o agente da aprendizagem, tornando-se um estudioso autônomo, capaz de buscar por si mesmo os conhecimentos, formar seus próprios conceitos e opiniões, sendo responsável pelo próprio crescimento.</p>
<p>Sala de aula: ambiente de escuta e recepção em que o ideal é que ninguém converse, todos fiquem atentos para saber repetir posteriormente o que o professor explicou.</p>	<p>Sala de aula: ambiente de cooperação e construção em que, embora se conheçam as individualidades, ninguém fica isolado e todos desejam partilhar o conhecimento.</p>
<p>A experiência passa do professor para o aluno: o aluno aprende o que o professor já sabe, já pesquisou.</p>	<p>Troca de experiências entre aluno/aluno e professor/aluno: orientador e orientando aprendem juntos somente aquilo.</p>
<p>O aluno aprende e estuda por obrigação, por pressão da própria escola, por medo de notas baixas, por ansiedade de não ir para a recuperação durante as férias...</p>	<p>O aluno aprende e estuda por motivação. As coisas são degustadas, saboreadas internamente, e existe grande prazer na busca dos conhecimentos. Aprender é crescer.</p>
<p>Conteúdos curriculares fixos, numa estrutura rígida que não prevê brechas nem modificações.</p>	<p>Conteúdos curriculares atendem a uma estrutura flexível e aberta, em que cada aluno pode traçar os próprios caminhos.</p>
<p>Tecnologia desvinculada do contexto. Um retroprojetor ou um projetor de slides são usados como instrumentos esporádicos para tornar determinado assunto mais agradável. Às vezes, o professor não sabe utilizá-los e é comum que não funcionem, atrasando a aula e irritando a todos.</p>	<p>Tecnologia dentro do contexto, como meio, instrumento incorporado. A televisão, o computador e a conexão em rede passam a ser excelentes meios pelos quais diferentes conhecimentos chegam à sala de aula. O visual é atraente e vem acompanhado de som. As possibilidades abertas são infinitas.</p>

<p>Tecnologia: ameaça para o homem. O professor teme ser substituído por um computador com o qual ele não pode competir. A escola tenta evitar uma sociedade em que os homens valham menos do que as máquinas e a tecnologia passe a ser o centro do universo.</p>	<p>Tecnologia: instrumento a serviço do homem. O professor utiliza a tecnologia como recurso para estimular a aprendizagem. A escola tenta formar uma sociedade em que o homem seja o centro e utilize a tecnologia a serviço do bem de todos.</p>
<p>Os recursos tecnológicos são manipulados pelo professor, que prepara anteriormente o que vai usar e comanda projeções de apresentações de slides,transparências...</p>	<p>Os recursos tecnológicos são manipulados pelo professor e pelos alunos. Idealmente, cada um tem acesso ao computador e aluno e professor trocam ideias e conhecimentos.</p>
<p>A escola é uma ilha. Comunica-se com as famílias só quando necessário. Raramente se abre à comunidade (talvez numa festa junina...) e quase nunca participa dos problemas do bairro em que se insere. Compõe sua biblioteca com os livros que tem ao alcance e se isola de tudo, buscando o seu padrão de excelência acadêmica com os próprios recursos.</p>	<p>A escola é um espaço aberto conectado com o mundo. Os alunos têm contato com a comunidade, partilham experiências com colegas de outras escolas. A Internet expande os horizontes através dos fóruns de debates, das trocas de conhecimentos, da visitação de culturas diferentes, da construção de trabalhos conjuntos e da navegação sem fronteiras.</p>

O desenvolvimento dos estudos da comunicação e o destaque social de meios como a televisão, o rádio e o cinema fizeram com que esta área do conhecimento se destacasse das demais, principalmente por elevar os seus profissionais a um status diferenciado, ligado ao glamour e à fama. Isto fez com que diversos profissionais de outras áreas migrassem para a comunicação.

Com a difusão da eletrônica, do consumo e das formas de crédito na década de 90, o acesso a diferentes meios de comunicação, principalmente ligados à internet, foi difundido por meio de diversos aparelhos que possibilitavam esta comunicação e que foram absorvidos de forma volumosa pelos diferentes ramos da sociedade. Porém o grau de exigência técnica que preponderava em alguns destes aparelhos criou um abismo que separou usuários e não usuários deste tipo de sistemas, gerando, inclusive, a denominação de “analfabites” para o grupo dos não usuários destas tecnologias. E muitos profissionais da área das comunicações sociais se mantiveram do lado “analfabite” do abismo. Muitos defendiam a sua posição atribuindo valores negativos às novas tecnologias, alegando uma série de problemas. Argumentos estes pautados em leituras momentâneas, incapazes de aceitar o domínio da eletrônica.

Muitos professores da comunicação social não se dedicaram a acompanhar estes desenvolvimento na prática, talvez por estarem mergulhados em livros ou garantidos em seus cargos públicos. Este marco não os deixou apenas distantes da prática das novas tecnologias, mas impossibilitou a eles uma relação mais próxima com o seus novos alunos, que cresciam e se relacionavam com

estes novos aparelhos de forma tão espontânea que suas crenças não poderiam mais ficar desassociadas desta nova realidade, gerando um grande conflito de paradigmas, tema deste artigo.

3.2. Os alunos da comunicação e o paradigma das novas tecnologias

O jovem, por natureza, se caracteriza por ser um sujeito em busca de um pertencimento social, de valores, de autoafirmação. A estrutura social, na qual se enquadra o jovem de nossa sociedade, é voltada para a sua preparação profissional, e ele vem sendo estimulado desde sua infância a entender o papel do trabalho e do dinheiro dentro da sociedade. Seus pais o estimulam a entender o valor do trabalho, do dinheiro e do estudo com o objetivo de alcançar o sucesso profissional. E o caminho mais seguro para ele se destacar neste aspecto é uma formação educacional de qualidade para que possa ingressar em uma instituição superior de ensino ou ensino técnico e, a partir daí, após formado, conseguir trabalho e dinheiro, para os quais foi tão estimulado pela sociedade. É lógico que o caminho muitas vezes não segue esta trajetória previsível!

O papel da tecnologia para este jovem não se resume a uma ferramenta facilitadora de acesso a entretenimento e informação, ela faz parte de um contexto social pelo qual os jovens se socializam, se expressam, sem precisar da autorização de ninguém, pois sem grandes custos ele pode ter acesso à rede mundial de computadores, a uma enorme rede social, ter acesso a diversos programas que facilitam cada vez mais sua forma de expressão, que pode se enviada em apenas um clique para uma rede de milhões de espectadores.

Em uma análise genérica, os jovens com interesse pela Comunicação Social desde cedo tendem a se relacionar mais ativamente com as ferramentas tecnológicas que facilitam a comunicação, desenvolvendo habilidades que os destacam socialmente dos jovens das demais áreas. E, mesmo estando no ambiente acadêmico, estes jovens não vão se desvincular destes recursos, pois eles já fazem parte de sua formação sentimental. Ou seja, o jovem já está ligado incondicionalmente a estes recursos de forma enraizada, tendo a tecnologia feito parte de sua formação, de sua identificação como sujeito social. Ela não pode ser separada de forma abrupta, não podendo ocorrer simplesmente uma ruptura.

3.3. O choque entre os paradigmas

Os professores que preservam o estilo clássico ao lecionar não estão necessariamente envolvidos por uma falta de vontade, mas ligados a outros conceitos e paradigmas que tornam este novo ambiente algo que eles algumas vezes chegam a repudiar por desconhecerem ou mesmo não terem capacidade intelectual para se inserir neste novo contexto. Desta forma, eles não se percebem como sujeitos e objetos da história e não dão importância à sua função social no contexto escola/sociedade, uma vez que não assumem compromisso social e profissional no sentido de atuar como mediadores na ação pedagógica.

Paradigmas são quebrados na história da humanidade, e o profissional

da educação, principalmente da comunicação, precisa acompanhar a evolução das tecnologias. A configuração política e econômica descrita na sociedade neoliberal foi consolidada pela elaboração de uma nova proposta educacional através da LDB – 9394/96, que preconiza a formação e preparação do homem de acordo com os interesses do mercado. O professor de comunicação, inserido neste contexto de mudanças, é obrigado, como qualquer outro profissional, a redirecionar sua formação visando a atender a atual conjuntura, deparando-se, em sua prática pedagógica, com diversos desafios como estar em constantes pesquisas no sentido de atender a diversidade de informações que o novo contexto social lhe propicia para refletir e redirecionar sua prática e saber com clareza que caminhos seguir.

4. POR UMA NOVA COMUNICAÇÃO NA COMUNICAÇÃO SOCIAL

4.1. Por educadores críticos na comunicação social

Segundo Libâneo (1998, p. 84), os educadores críticos estão desafiados a repensar objetivos e processos pedagógico-didáticos em sua conexão com as relações entre educação e mercado, educação e sociedade. Sabe-se que o mundo pós-moderno requer habilidades e conhecimentos que constituem fatores primordiais para a inserção do homem na sociedade, principalmente no mercado de trabalho. O professor é um dos componentes de grande contribuição para que isso ocorra de forma satisfatória. Na área de comunicação social, a capacidade técnica e a forma como o sujeito vai se relacionar com ela, muitas vezes, determinam o valor deste profissional no mercado. Sendo assim, os professores desta área devem estar capacitados para transmitir uma abordagem crítica em relação às novas tecnologias. Para tal, ele deve ter certo conhecimento desta linguagem prática para conseguir passar para os alunos seu conhecimento de forma concisa.

Os fatos contemporâneos ligados aos avanços científicos e tecnológicos e à globalização da sociedade trazem novas exigências à formação de professores de todo o Brasil, sejam eles da velha ou da nova geração. Os professores precisam estar em constante aperfeiçoamento. Libâneo (1988, p.77) afirma que o professorado, diante das novas realidades e da complexidade de saberes envolvidos presentemente na formação profissional, precisaria de formação teórica mais aprofundada, capacidade operativa nas exigências da profissão, propósitos técnicos para lidar com a diversidade cultural e a diferença, além da indispensável correção de salários, das condições de trabalho e exercício profissional.

4.2. O novo educador das comunicações do século XXI

Resta aos educadores de hoje se adequar a esses novos conhecimentos para seja possível existir uma nova comunicação na área da educação, sem privações das emoções em favor da razão, como no passado. A relação afetiva entre professor e aluno deve fluir de forma espontânea e organizada, em que o papel do professor dá lugar ao papel do intermediador de ideias, reconhecendo suas potencialidades

e limitações. Paulo Freire afirmava que o indivíduo deve “saber” sua realidade, para só então transformá-la.

Os professores de comunicação social devem se entregar às novas tecnologias, devem fazer uso delas para poder exercer um domínio prático sobre esta ferramenta, tornando-se aptos a passar conhecimento com mais integração com a realidade do seu aluno e do próprio mercado. A utilização de ferramentas como datashow, vídeos, jogos, música, arte contemporânea, aulas interativas torna as aulas muito mais elaboradas e adequadas ao ambiente do novo aluno de comunicação social. A instituição do ensino se torna enfim a sociedade do saber, e a troca de experiências se torna algo que transcende o indivíduo. Ao assumir sua posição e a dos demais, o professor adquire a capacidade de se transformar. Assim, o processo transcende a sala de aula e se aproxima naturalmente dos aspectos que envolvem a prática. Este conceito de aula, portanto, não deve ser confundido com puro entretenimento, ele deve ser dosado e direcionado à prática do saber.

Trerrien (1995) salienta o quanto os estudos sobre a formação do processo ainda persistem numa dissociação entre a formação e a prática cotidiana, não enfatizando a questão dos saberes da experiência. Estes saberes são transformadores e passam a integrar a identidade do professor, constituindo elemento fundamental nas práticas e decisões pedagógicas, sendo, assim, caracterizados como um saber original. Essa pluralidade de saberes que envolve os saberes da experiência é tida como central na competência profissional, sendo oriunda do cotidiano e do meio vivenciado pelo professor. E estes saberes da experiência, que se caracterizam por serem originados na prática cotidiana da profissão e por ela validados, podem refletir tanto a dimensão da razão instrumental que implica um saber-fazer ou saber-agir tais como habilidades e técnicas que orientam a postura do sujeito, como a dimensão da razão interativa que permite supor, julgar, decidir, modificar e adaptar de acordo com os condicionamentos de situações complexas (TRERRIEN, 1995, p.3).

5. CONCLUSÃO

Acreditamos que o curso de formação de professores de comunicação social deva investir cada vez mais na sua qualificação para que o professor entenda o “saber fazer” de maneira contextualizada; para que tenha competência para saber agir na sala de aula, habilidades comunicativas, domínio de linguagem informacional, saber usar meios de comunicação e articular as aulas com mídias e multimídias; e para que, enfim, tenha a técnica do “saber fazer”.

Assim, nos termos da LDB9394/96, no que se refere à Educação Profissional do Professor, conforme o artigo 39:

A educação profissional, integrada às diferentes formas de educação, ao trabalho, às ciências e à tecnologia, conduz ao permanente desenvolvimento das aptidões para a vida produtiva.

Neste sentido, Menezes (1996, p. 159) afirma que a formação perma-

nente é um processo contínuo que começa nos estabelecimentos de formação inicial e que prossegue através das diversas etapas da vida profissional dos professores.

Assim entendida, a formação constitui não só um processo de aperfeiçoamento profissional, mas também um processo de transformação da cultura escolar, em que novas práticas participativas e de gestão democráticas vão sendo implantadas e consolidadas. Neste sentido, Kincheloe (1997, p.87) afirma que a formação de professores reflexivos configura um projeto emancipatório. Porém, vale salientar que esta prática não deve ser confundida com falta de regra ou anarquia, devendo os alunos e as alunas exercer seu saber com prazer e responsabilidade.

Nota-se, no entanto, que essa emancipação não é fácil de acontecer, uma vez que existe certa resistência a mudanças tanto por parte de alguns professores quanto pelo sistema que ainda está atrelado às burocracias.

Não se trata, pois, de acreditar que a qualificação docente possa, isoladamente, assegurar um ensino de qualidade.

Segundo Nóvoa (1992), há diversos indicadores que se referem ao ensino. O avanço contínuo das ciências e a necessidade de integrar novos conteúdos impõem uma dinâmica de renovação permanente, em que os professores têm de aceitar mudanças profundas na concepção e no desempenho da sua profissão. É preciso evitar o desajustamento e a desmoralização do professorado, bem como o crescente mal-estar docente, pois um ensino de qualidade se torna cada vez mais imprescindível (1992, p.98).

Paulo Freire diz que o professor não pode desconsiderar os saberes de experiências feitas pelo aluno, pois sua explicação do mundo de que faz parte traduz a compreensão da sua própria presença no mundo. Por isso, o professor precisa estar lendo cada vez melhor as leituras do mundo para saber intermediar o elo entre o velho e o novo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- FREIRE, Paulo. Educação: o sonho possível. In BRANDÃO, Carlos Rodrigues et al. *O educador: vida e morte*. RJ: Graal, 1982.
- _____. *Pedagogia da Autonomia: Saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1996. (Coleção leitura).
- TARDIF, Maurice. *Saberes docentes e formação profissional*. Petrópolis: Vozes, 2002.
- RAMAL, Andrea Cecília. "Internet e Educação" in Rio de Janeiro: *REVISTA GUIA DA INTERNET.BR*, Ediouro, no 12., 1997.
- KINCHELOE, Joe L. *A formação do professor como compromisso político: mapeando o pós-moderno*. trad. Nilze Maáio Campos Pellanda. — Porto alegre: artes médicas, 1997.
- LDB – 9394/96,
- LIBÂNEO, Carlos José. *Adeus Professor, Adeus Professora? Novas exigências edu-*

- cionais e profissão docente*. São Paulo: Cortez, 1999.
- MENEZES, Luiz Carlos (Org.) *Professores: Formação e profissão*. SP, autores Associados, 1996.
- NÓVOA, Antônio (Coord.) *Os professores e sua formação*. Lisboa: Publicações. Dom Quixote/II. Ed. , 1992.
- THERRIEN, J. Uma abordagem para o estudo do saber da experiência das práticas educativas. In: *Anais da 18ª Anped*, 1995 (disq.).

Recebido em: 21/03/2012

Aceito em: 24/04/2012